



UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
ESCOLA DE SERVIÇO SOCIAL

Liliane Leite da Silva

**Suicídios, ultra-individualismo e subjetividade
hegemônica:
Uma discussão a partir do homem
unidimensional marcuseano**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Escola de Serviço Social da
Universidade Federal do Rio de Janeiro,
como parte dos requisitos necessários à
obtenção do grau de bacharel em Serviço
Social, sob orientação do Prof. Dr. Rogério
Lustosa Bastos

Rio de Janeiro,
2022

Suicídios, ultraindividualismo e subjetividade hegemônica:
Uma discussão a partir do homem unidimensional
marcuseano

Página de Avaliadores

Profa. Dra. Elaine Martins Moreira
ESS/UFRJ

Profa. Dra. Morena Marques
ESS/UNRIO

Prof. Dr. Rogério Lustosa Bastos
ESS/UFRJ
Orientador

Rio de Janeiro
2022

“Quando a educação não é libertadora,
o sonho do oprimido é ser opressor”
Paulo Freire

Agradecimentos

À Deus por me abençoar sempre e por me mostrar através dos caminhos adversos o quanto sou capaz de ser resiliente, realizar meus sonhos e seguir com meus projetos.

À minha família e amigos pelo carinho e apoio para enfrentar e superar os desafios dessa jornada. Todos são de fundamental importância para minha vida! Obrigada por cada palavra de incentivo!

Especialmente ao meu marido (in memoriam) pelos ensinamentos durante essa vivência acadêmica que levo para vida. Por acreditar no meu sonho, pelos incentivos e por apoiar e defender a minha decisão referente ao estudo do Serviço Social. Pelo parceiro que me mostrou a vida como ela é, e que mesmo com sua ausência é sempre presente principalmente como força para alcançar essa conquista.

À Flávia Correia que mesmo com uma rotina agitada fez a minha primeira matrícula na escola do Serviço Social, contribuição fundamental para chegar até aqui.

As amigas da Escola de Serviço Social em especial Janaína Damasceno e Paula Lopes, pela parceria nos estudos e discursões das questões sociais, política, da vida acadêmica e pessoal. Uma das heranças da UFRJ!

Ao Centro de Cidadania da Praia Vermelha, Escola de Serviço Social, que tive a oportunidade de ser bolsista de extensão que me proporcionou atividades extracurriculares que agregaram na minha formação. Me desenvolveu como discente, como pessoa, me colocando em espaços e ambientes que sem a escola jamais conheceria. Foi uma experiência única!

A supervisora de estágio do IPUB, Instituto de Psiquiatria da UFRJ, à Assistente Social Juliana Rosa que teve papel importante para que eu colocasse em prática a teoria aprendida durante dois anos e que junto com a professora de OTP, Fátima Grave enalteceram a importância do Serviço Social ao encerrar minhas atividades diante dos fatos pessoais que vivia quando fui obrigada a voltar para a Bahia.

A todos docentes e funcionários da Escola de Serviço Social que mesmo diante das dificuldades da universidade pública coloca a educação e os discentes como prioridades frente muitas vezes a políticas desfavoráveis para a continuidade do ensino público.

Dedico um agradecimento especial ao orientador, psicólogo e humano o professor Rogério Lustosa que aceitou me direcionar na elaboração deste e que sem sua compreensão, paciência e tolerância não chegaria aqui. Gratidão professor!

À minha história de vida que me fez ser forte o suficiente para sentir desafiada a enfrentar todos os obstáculos com a certeza de que chegaria ao meu objetivo. A todas as pessoas que cruzaram a minha vida e de certa forma me motivaram a seguir mesmo com passos lentos meus sonhos. Contudo, grata ao Serviço Social que fará a diferença na minha vida.

RESUMO

O presente trabalho de pesquisa pretende demonstrar o quanto o capitalismo tardio, através da cultura afirmativa e da subjetividade hegemônica, em alguns casos, indiretamente, pode ser significativo para firmar certos suicídios. Partindo de uma análise de sua cultura afirmativa, a qual, segundo o pensamento marcuseano, está globalizada, veremos que ela é um dos grandes apoios na reprodução e no domínio dessa ordem, praticamente criando assujeitamento do homem aos valores da sociedade de consumo. Isto implica que, de um lado, vive-se sob égide de um extremo individualismo cujo um dos slogans reinantes diz que “A usura é boa”. Isto, é claro, tende a desestimular quaisquer lutas coletivas. De outro, o capitalismo no século XXI sustenta esses e outros absurdos, pois que, além de ditar as condições econômicas, dita também um modo de vida totalmente consumista, o qual ocorre porque o capitalismo passou a ocupar a “alma humana. Na realidade, tal ocupação ocorre para transformar essa alma, em uma “alma” de consumo, que é a subjetividade hegemônica. A partir disto, a rigor, o homem passa a desejar, falar, pensar e ver de acordo como os valores da ordem consumista, adotando vida altamente individualista. Então, essa subjetividade, associada as privatizações em excesso, quebra total de direitos e austeridade (tripé do atual domínio do capital globalizado), afora criar miséria e desemprego para a maior parte da população, exerce pressão sobre as famílias e algumas delas criam vínculos simbióticos e esquizoides. Estes vínculos, em tese, em vez de promoverem a autonomia, o respeito, a emancipação de si e do outro, funcionam como o seu oposto. Resultado: essa subjetividade hegemônica pode gerar um sujeito cujos laços significativos são inexistentes. Nesta situação, não em todos os casos, mas em alguns, surgem tentativas de suicídio ou até o suicídio fatal.

Palavras Chaves: Cultura afirmativa. Subjetividade hegemônica. Suicídios.

Listas de gráficos

Gráfico 1. Proporção notificação de tentativas de suicídio, segundo o sexo e região de residência, Brasil, 2011 a 2016.

Gráfico 2. Variação da taxa de mortalidade por suicídio, por cem mil habitantes, segundo o sexo, Brasil, 2011 a 2015.

Sumário

INTRODUÇÃO	8
1 CAPITALISMO TARDIO E O EXTREMO INDIVIDUALISMO A DESVINCULAÇÃO E O SUICÍDIO	
1.1. O capitalismo	11
1.2 O excesso do individualismo no capitalismo tardio	12
1.2.1 O capitalismo e sua dimensão	19
1.3. A CULTURA AFIRMATIVA E O CAPITALISMO A CRIAÇÃO DA SUBJETIVIDADE (a alma de consumo)	
1.3.1. O carácter afirmativo da cultura	25
1.3.2. A cultura afirmativa e o ultra-individualismo	27
2 O SUICIDIO E A QUESTÃO PSICOSOCIAL	
2.1 A morte	30
2.2 A questão do suicídio e sua definição	38
2.3 O suicídio e suas diferentes perspectiva	46
2.3.1. Perspectiva social	46
2.3.1.1 Émile Durkheim	46
2.3.1.2 Karl Marx	49
2.3.2. Perspectiva individual e o suicídio	50
2.3.2.1 Junguiana	50
2.3.2.2 Freud	51
2.3.3. Perspectiva psicossocial	52
CONSIDERAÇÕES FINAIS	55
REFERENCIAS BIBIOLGRAFICAS	57

Introdução

Um suicídio ocorre a cada quarenta segundos no mundo, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS), assim, essa “organização” considera o fenômeno do suicídio como uma questão de saúde pública. Desta forma, urge problematizar essa temática na sociedade, para que não só se combata o estigma e o tabu a respeito da morte e, em especial, da morte de si mesmo, como também possamos criar políticas públicas e ações preventivas e terapêuticas que diminuirão essa incidência autodestrutiva. Além disto, entre outras lacunas que dificultam essas ações sociais de combate a essa incidência, destaca-se nossa cultura ultra individualista, a qual, para Marcuse (1997), é a cultura do capitalismo globalizado, paradoxalmente, em alguns casos, ela reforça a morte de si próprio.

Sim, como veremos nas páginas seguintes, uma cultura que tem a pretensão de fomentar, acima de tudo, valores extremamente privados em detrimento de qualquer outro valor coletivo; uma cultura que, assumidamente apregoa que a usura é o bem maior e, sob todas as hipóteses, deve ser o exemplo; uma cultura em que o outro é visto não como companheiro, mas como rival, isto tem implicações catastróficas, gerando sofrimento psíquico e, em alguns casos, suicídios. Em outras palavras, quando as relações entre os homens são reduzidas ao processo de reificação, ou seja, quando adotamos como modo de vida de transformar tudo e todos em mercadorias, ainda que para uns, isso traga riqueza material na exploração, expropriação e escravização do outro, tal processo traz situações funestas para o humano (Loureiro, 2013). Entre outros pontos funestos, aqui, é que esse processo de reificação, indiretamente, tem grande chance de causar a quebra de vínculos significativos no nosso meio mais próximo

(destruição do vínculo com o par conjugal, com filhos, com parentes e amigos significativos, isolando-nos ao extremo). Ora, segundo as teorias psicossociais que estudam o suicídio, tais como Bastos (2006), Bleger (1977), Stubbe (1995, 1982), quanto maior a quebra dessas vinculações, maiores serão as chances do indivíduo se matar. Diante disto, o trabalho visa estudar a cultura capitalista do ponto de vista de Marcuse junto ao suicídio. E pretende verificar se a cultura capitalista promove direta ou indiretamente as tentativas de suicídio ou o suicídio fatal. Sendo assim, constatar se as influências da cultura capitalista, principalmente nos grupos sociais significativos como a família pode ou não promover sofrimento psíquico e até comportamento suicida. O quanto as relações sociais sobretudo na família são significativas para a produção do comportamento suicidas? Será que esses vínculos quando pressionados pela cultura capitalista no sentido do desemprego podem ser quebrados?

Antes de falar como foi metodologicamente desenvolvido este trabalho, bem como serão os capítulos desta monografia, gostaríamos de apontar os porquês que nos levaram a pesquisar o tema do suicídio.

O interesse pelo assunto, sobretudo, surgiu da vivência do estágio obrigatório por dois anos no Instituto de Psiquiatria da Universidade Federal do Rio de Janeiro, onde tive contato com a saúde mental. Nesta experiência foi ofertada uma palestra sobre o suicídio e desde então fui tocada e sensibilizada pelo tema diante da ausência do Estado a respeito do assunto e por todo contexto que envolve o fato como a falta de suporte social e afetivo ao indivíduo que deseja acabar com a própria vida e aos familiares que também sofre. Sendo assim pode ser considerada como expressão social, pois se trata de uma demanda da saúde pública. Deste modo, o Serviço Social deve estar presente para orientar as redes de apoio ao indivíduo, familiares, orientar a respeito dos seus

direitos e bem como articular as diversas áreas profissionais para a prevenção ao suicídio, pois o fato gera impactos nas relações sociais. O papel do Serviço Social é importante principalmente para o fortalecimento de vínculos do indivíduo nas relações sociais.

Metodologicamente, nosso trabalho foi elaborado junto da coleta de dados através de fontes de papel, ou seja, aqui, construímos esta pesquisa através do método bibliográfico, consultando os principais livros, artigos da área de suicidologia e da área social. Dentre essas principais fontes que consultamos, destacamos: Aries (1977); Marcuse (1997, 1982), Bastos (2009; 2006), Cassola (1981, 1984), Hilmann (1993), Ludemir (1994), Santos-Stubbe (1995), Stubbe (1995, 1982), Carvalho (1996), Kovács (1992), Durkheim (1971), Yamamoto (1992), Safatle (2020), Santos (2011), Slee (2017), Marx (2006), Ehrenberg (2010), Bertolote (2012), Albuquerque (2018) etc.

Em termos da elaboração do texto desta pesquisa, nosso trabalho se apresenta através de três capítulos. O primeiro capítulo será abordado sobre o sistema capitalista contemporâneo e seus interesses na subjetividade humana para solidificar a destruição da democracia, com a austeridade do Estado cada vez mais voltado para a lógica da concorrência de mercado e conseqüentemente as privatizações. E a cultura afirmativa como centro da discussão e como ferramenta de uma falsa realidade para garantir que todos se sintam realizados e felizes. No segundo capítulo é abordada a questão da morte que está ligada a vida. Como a sociedade se comporta diante do assunto da morte e como ela considera o suicídio. Sobre o suicídio, ainda neste capítulo, apresentamos a definição que nosso trabalho se baseou, bem como as principais teorias que pretendem explicá-lo e, em particular, a teoria psicossocial do vínculo que é uma das principais para nossa pesquisa. Por último, apresentaremos as “conclusões”.

Primeiro Capítulo:
Capitalismo tardio e o extremo individualismo
– a desvinculação e o suicídio.

1.1 O capitalismo

O capitalismo é entendido como um modo de produção em que a propriedade e o controle dos meios de produção estão na mão da burguesia. Este modo de produção requer a existência de um mercado de trabalho livre. Os proprietários dos meios de produção compram no mercado a quantidade de trabalho necessário à produção de bens. (NUNES, Edson; 2003, pg. 22).

O capitalismo tem relação com a compra da força de trabalho necessária para se lucrar com a mais-valia, produzindo mercadorias. Para tal sistema se desenvolver, faz-se necessário existir o homem que detém os meios de produção e o mesmo a sua força de trabalho. Deste modo, a produção da mercadoria só acontece quando há divisão social do trabalho e a propriedade privada dos meios de produção. O objetivo do meio de produção capitalista é a mais valia, que é o tempo excedente, ou seja, o capital necessita conduzir o processo da produção na busca de extrair o máximo da atividade do trabalhador. O meio de mensurar o valor da mercadoria é através do tempo necessário para a sua produção. O que se produz no tempo excedente gera o lucro. Contudo, para garantir a mais valia é necessário a acumulação do capital que exige produzir cada vez mais aumentando a demanda por máquinas, instrumentos e outros que venham dar conta dessa necessidade superando a carência da força de trabalho. Desta forma, segundo NETTO e BRAZ (2010), dentro da perspectiva de Marx, o desemprego começa a nascer,

gerando o exército industrial de reserva. Na constituição orgânica do sistema capitalista é vital a presença do exército industrial de reserva, pois tem a garantia de gerar inconscientemente uma opressão, um domínio sobre o proletariado, pois a punição é o desemprego. Todavia, esse desejo de acumular capital é tanto da classe capitalista como um todo quanto de cada capitalista na sua individualidade. Portanto, além da exploração da força de trabalho o processo de acumulação do capital estimula a competição entre os capitalistas, ou seja, o sistema se autodetermina na ação e reação recíproca dos capitais entre si. O capitalismo é um sistema socioeconômico que está baseado na garantia dos direitos individuais onde toda propriedade é privada e o governo existe para banir qualquer movimento contra as diretrizes do sistema.

O longo processo histórico do desenvolvimento da moderna sociedade capitalista não somente representou uma revolução econômica, mas também marcou a redefinição dos padrões das relações sociais e políticas no interior dos Estados – nação. Significou a reformulação das relações entre indivíduos, redefiniu instituições básicas como a Igreja, a família e a propriedade, reformulou o conceito de liberdade (NUNES, 2003, p. 23)

1.2.O excesso do individualismo no capitalismo tardio

(...) É no contexto da globalização mundial sobre a hegemonia do grande capital financeiro, da aliança entre o capital bancário e o capital industrial, que se testemunha a revolução técnico científica de base microeletrônica, instaurando novos padrões de produzir e gerir o trabalho. Ao mesmo tempo reduz-se a demanda de trabalho, amplia-se a população sobrando para as

necessidades médias do próprio capital, fazendo crescer a exclusão social, econômica, política, cultural de homens, jovens, crianças, mulheres das classes subalternas, hoje alvo da violência institucionalizada, Exclusão social esta que se torna contraditoriamente, o produto do desenvolvimento do trabalho coletivo. Em outros termos a pauperização e a exclusão são a outra face das forças produtivas do trabalho social, do desenvolvimento da ciência e da tecnologia, dos meios de comunicação, da produção e do mercado globalizado (IAMAMOTO, 1998, P.18)

Diante desse ponto de vista a análise que se faz a respeito de toda uma história da diferença de classe, visto ser esse um entrave à superação dos marcadores sociais, não pode ser considerada ser quase ou totalmente o oposto a lógica natural intrínseca ao capitalismo. Como também, não é possível desfazer as manobras que o sistema elabora para fazer nascer na cultura de massas, um desejo de consumo exagerado, de concorrência entre os indivíduos, de fortalecer a “questão do ter” e não a “questão do ser”. Sendo, os excessos de consumo, individualismo, de concorrência que estão implícitos e subentendidos na lógica do sistema que faz necessário as estratégias para a conformação e conseqüentemente naturalização das contradições, principalmente as de classe social. O propósito da naturalização é fazer com que o sujeito aceite a diferença como se fosse algo sobre-humano, ou seja, da vontade de Deus. Sendo assim, isso explica as diferenças, a desigualdade entre as pessoas, as sociedades e justifica as construções ideacionais envolvidas na montagem modelo, simbólico, classista a opor o erudito X o popular, riqueza X pauperismo etc. E nesta dualidade, quais os caminhos para a superação do individualismo visto que é necessário transcender os limites das determinações sociais que são arbitrárias e não dadas de princípio, que estão sendo cada vez

mais reduzidas à história da dominação e que são subordinadas a um Estado participativo que faz valer aos interesses do regime capitalista.

O capitalismo não tem o propósito de promover a igualdade social. O sistema capitalista só é viável se ele reproduzir as relações sociais fortalecendo a dicotomia capitalista x proletariado. A sociedade capitalista é fundada na exploração do trabalho, na opressão, marcada pela desigualdade, competitividade e pelo individualismo. Conforme Gortz (1993), exercer uma profissão implicaria uma posição na sociedade, ou seja, uma identidade social. No contexto atual, as especializações foram automatizadas num ritmo crescente, proporcionando a competitividade para a manutenção do emprego. As pessoas precisam se adaptar as mudanças tecnológicas, por exemplo. E essas alterações faz com que o indivíduo não desenvolva o sentimento de pertencimento a um grupo definido, ou ter um lugar seguro ou identidade na sociedade. Nada mais garante que o indivíduo possa ter emprego e cidadania digna, de forma que tenha pertencimento a alguma estrutura social.

De acordo com BASTOS (2008), é mediante ao processo grupal que adquirimos a identidade individual e social. Além disto, evidencia-se que é através desse processo grupal que, de um lado, nos socializamos, seja através da socialização primária (realizada no seio familiar), seja através da “secundária” (realizada nas instituições sociais: instituições escolares, de trabalho, de religião etc.). De outro, essa mesma socialização tem relação também com a manipulação da reprodução das relações de produção e de exploração capitalista. Portanto, é através desses meios e reforçando o individualismo que o sistema capitalista mantém o domínio da sociedade.

A “coesão grupal” trata da necessidade que o ser humano tem de se aproximar, criando entre outros um sentimento de pertencimento ou de coesão grupal. Este sentimento, por sua vez, possa a ser exercido como uma pressão entre seus membros, induzindo-os para comportamentos curiosos. Aqui, importa menos a necessidade de o indivíduo se agrupar e mais o comportamento dito semelhante que daí decorre, o qual tende a criar atitudes típicas desse pertencimento. Então, observa-se que a referida coesão pode trazer benefícios ou malefícios para o indivíduo. // No tocante aos malefícios, dentre outros exemplos podemos citar decisões calamitosas, nas quais contraditoriamente, há várias distorções que são feitas em nome da própria coesão grupal: nesta situação, há pessoas que infelizmente acabam dando cabo da própria vida. Do ponto de vista de benefícios, a coesão grupal pode ajudar, entre outras ilustrações; do ponto de vista da visão empírica quantitativa, no aumento da produtividade e aprendizagem. Claro, na medida que ela engrandeça e respeite os mínimos parâmetros da individualidade. (BASTOS, 2008, p.42)

Evidentemente que se faz necessário para todo indivíduo o estabelecimento de vínculos sociais, sobretudo para que se aumente as chances de se sentir pertencente a estrutura social. Mas, na dinâmica do capitalismo tardio não é permitido a vinculação social de forma minimamente razoável em termos de vinculação mais sólida, no sentido de se construir relação em que as pessoas realmente tenham proximidade, confiança e partilha espontânea entre si, para citar alguns exemplos.

Sob a ordem capitalista, ao contrário, é permitido e estimulado os vínculos a favor do comércio e do comercial, os quais, em geral, apontam mais para as relações do “ter”

(adquirir bens materiais em excesso para acumulação do capital).

Agir e buscar valores oposto a isso, é fomentar as relações e vínculos favoráveis ao “ser”. Neste momento de vida, existem relações que não buscam auferir ganhos pelo “custo-benefício”, estimulam-se sentimentos de gentileza, solidariedade, companheirismo cumplicidade e por aí afora. Ora, caso houvesse uma ruptura e o coletivo organizado conseguisse mudar o sistema capitalista e se instituísse uma cultura bem diversa a que hoje é vigente sob a ordem atual, haveria maiores chances desses sentimentos serem de fato desenvolvidos de forma espontânea e sincera. Sim, haveria maiores chances de se observar um modo de vida em que dificilmente existiriam relações de exploração, expropriação a favor do lucro, bem ao gosto das relações capitalistas.

Nunca é demais acentuar, que essas relações e vínculos para o ser são insustentáveis no capitalismo, pois têm propósitos opostos a tal sistema do lucro acima de tudo. Além disto, diante de uma sociedade contaminada por esses valores consumistas e da usura, tal domínio atinge a subjetividade humana. Assim, para que se criem resistências, entre outras questões, é fundamental que o indivíduo seja capaz de transcender esses caminhos de exploração, começando o processo de transformação histórica e das lutas anticapitalistas, inclusive, a partir de si na transformação da subjetividade. Fato que é necessário, como aponta Marcuse (1997), mas que não é muito fácil.

Os empregos e posições sociais são essencialmente precários. Raramente conferem o sentimento de pertencer a um grupo definido, ou ter um lugar seguro ou identidade na sociedade. Nem o nascimento, nem a educação, nem o trabalho pode assegurá-la mais. Os indivíduos são forçados a definir sua identidade com seus

próprios recursos – se puderem. Eles estão condenados à autodeterminação durante toda vida pelo contexto social incoerente, que está sempre mudando. Em vez de protegê-los, a sociedade é uma fonte de riscos e insegurança. Ela força as pessoas a serem mais autônomas, preocupadas consigo mesma e individualistas do que antes, e buscar sua identidade em atividades e relações sociais fora do trabalho (GORTZ, 1993, P. 27)

Pode-se dizer que capitalismo tardio, com o domínio da subjetividade impõe ao trabalhador estar em condições, com conhecimentos atualizados, capacitados para se empregar, para vender seus serviços, bater metas cada vez mais altas e ser empreendedor. Assim, os serviços contemporâneos multiplicam os suicídios, pois as pessoas se submetem a realizar um trabalho não desejado para permanecer no meio das relações sociais. E com a precarização do salário que indiretamente tem que prover o que antes era responsabilidade de uma política do estado de bem-estar social como a saúde, educação, moradia, aposentadoria, fim dos direitos trabalhista e a perda de uma certa garantia no trabalho tende a proporcionar um descontentamento no indivíduo.

Sendo assim o capitalismo tardio vai além da exploração do trabalho, relação de mercado, da interferência da política do Estado e sim alcança a essência do indivíduo a partir do momento que o ter passa ser a identidade com a alma de consumo. Desta forma, o capitalismo tardio é a fase mais cruel de todo sistema, pois ele está presente na instituição familiar e social. O capitalismo tardio domina a subjetividade do homem. E assim o indivíduo tem direito a educação alienante, a desinformação, a uma cultura de consumo com a valorização na conquista de bens materiais supérfluos e perdendo o

desenvolvimento do ser. Neste caso não se trata do ser social e sim o ser na perspectiva da psicanálise da psicologia freudiana onde o ser de Eros tem a vontade de viver e o ser de Thanatos é o oposto pois tem o instinto da morte.

O capitalismo tardio é capaz de penetrar nas menores brechas controlando e conduzindo tudo conforme seus interesses. Não há lugar para longos prazos, pois as mudanças ocorrem a todo instante. Essa instabilidade promove nas relações sociais uma característica superficial, reforçada pelo mundo virtual que fantasia ao passar uma sensação de integração a uma rede social. Na verdade, a essência do capitalismo contemporâneo está no individualismo, na solidão. Não existe igualdade social em uma sociedade de consumo, onde o indivíduo tem que buscar ter sempre mais que o outro para se sentir feliz momentaneamente. É motivando o consumo alienado, a disputa entre os indivíduos de quem conquista mais, a concretização da solidão real, a exploração de um mundo subjetivo, conhecimento, que move as engrenagens do capitalismo tardio. Contudo, as questões que mobilizam o capitalismo tardio vão além da exploração econômica, pois estão inseridas nas questões do caráter social e ético de forma bem opressiva.

1.2.1 O capitalismo tardio e a sua dimensão

Conforme Bastos (2014), O capitalismo tardio tem como característica predominante a livre concorrência, onde o capitalista explora o outro. Obviamente, sob tal contexto, gera-se também a precarização do trabalho, o aumento do “exército industrial de reserva” e o pauperismo é determinante. O Estado, através de suas instituições sociais (família, escola, trabalho, igreja etc.), coopta os diferentes sujeitos que pode ali passar, retransmitindo assim um modo de vida bastante

identificado aos valores da sociedade de consumo vigente. Desta forma, pode se dizer que frente a esses valores mercadológicos, os direitos sociais são reduzidos aos direitos privados e/ou extremamente individuais. Aqui, esse sistema capitalista tardio, além de nos construir por tais valores nas instituições sociais, notadamente de uma perspectiva ultra individualista, subscreve também a construção de um sujeito, o qual, Marcuse (1982) denomina de o “sujeito unidimensional” ou “Homem unidimensional”. Este, para o filósofo de Frankfurt, se traduz pela criação e disseminação de uma subjetividade hegemônica, a subjetividade do capitalismo tardio, a qual dita não só as condições econômicas, mas também faz que cada um de nós, em tese, passe a desejar, ver, sentir, como esse capitalismo quer.

Detalhe: o que não se encaixa nessa ordem consensual ou unidimensional, em geral, lhe é reservado o caminho da marginalização dessa sociedade: a pessoa é excluída, se sentirá fracassada, vazia e sem perspectiva de vida.

O homem unidimensional, para Marcuse (1982), refere-se principalmente a um modo de vida condizente com o capitalismo vigente e se expande de forma consensual e com grande tendência totalizante pelo tecido social: de um lado, esse “homem” faz avançar os pressupostos do mercado pelo território econômico, social, político, cultural, científico, tecnológico etc. De outro, avança ainda pelo território subjetivo, notadamente pela produção do desejo inconsciente. Daí que essa “unidimensionalidade” está atualmente pelos quatro cantos do planeta: ela está em todos os lugares e em lugar algum. (BASTOS, 2014, p. 113)

Sim, da perspectiva de Marcuse (1997), a dominação do capitalismo tardio vai além das questões econômicas, ou seja,

a ordem capitalista globalizada com seus valores consumista, é transmitida através de sua cultura afirmativa como um “modo de vida”, inclusive inconsciente, através da subjetividade hegemônica. Tal subjetividade, tanto se traduz pela criação de uma alma de consumo, quanto tem relação com nossas pulsões de prazer da vida psíquica, mas não se reduz a elas.

É através desse processo subjetivo que se potencializa o extremo individualismo vigente. Além disto, como trazemos na mente as pulsões de Eros e tanatos, as quais, vivem apenas em função do prazer, a fim de que possamos nos socializar, acabamos nos submetendo às leis sociais. Enfim, abrimos mão parcialmente do prazer e “adaptamos”, nos “socializamos” na realidade social.

Mas a busca pelo prazer inconsciente, mesmo dentro da realidade social permanece. Então, a ordem do capitalismo atual, tende a ressignificar o prazer através da produção. Sendo assim, é através da produção que o indivíduo satisfaz as necessidades não só as essenciais para a vida, como as necessidades geradas pela ideologia do mercado: adquirindo carro, Tvs e outros bens. Desta forma, o sistema capitalista promove as metas de produção e a competição entre os sujeitos.

Ora, basta pensar que se a ordem capitalista, inspira a ganância e o ultra individualismo, sobretudo, como os dois grandes valores modelares para que se chegue ao topo; se essa ordem, em nome de lucros cada vez mais crescentes, estimula o lado do homem ser o lobo do próprio homem... Enfim, diante disto chegaremos à conclusão de que a humanidade está correndo sérios perigos, sob tal égide. (BASTOS, op. cit., p. 27-28)

O assustador disso tudo é que, ao aderimos a esses valores mercadológicos que tendem a nos transformar cotidianamente em mercadoria, podemos entrar em uma tendência para o adoecimento. Há diversos autores, tais como, Franco (2020) e Ehrenberg (2010) que mostra o quanto o neoliberalismo impõe ao humano esse processo de reificação, querendo transformar em mero empreendedores, sob todas as hipóteses, é um desastre e cria sofrimento psíquico. Tal sofrimento, por exemplo, revela que esse excesso de reificação leva a depressão. Fato que, diga-se de passagem, caso não observada e tratada devidamente, em alguns caso pode levar ao suicídio.

Parêntese: nosso estudo observa que o suicídio surge não só da depressão, gerada indiretamente pela cultura do extremo individualismo capitalista. Adiante, no segundo capítulo, observaremos que sendo firmado por essa mesma cultura, indiretamente, podem surgir a quebra de vínculos. E assim, gerar motivações significativas na criação não em todos, mas em alguns casos de autodestruição fatal.

Em estudo sobre a obra marcuseana, Bastos (2017), aponta que a arte, a literatura podem ser um dos caminhos para a nossa emancipação, no sentido de procurar nos organizarmos coletivamente em prol de mudanças históricas. Sim, se Marcuse (1986) aponta que a arte não faz a revolução, ele diz que ela produz uma consciência histórica e crítica, inclusive uma subjetividade rebelde que quebra esse dito consenso globalizado do “partido único” do mercado, sinônimo aqui de “Homem Unidimensional”.

O filósofo ainda defende que o avanço da unidimensionalidade ocorre não às escondidas, mas à luz do dia, sobretudo, por um trabalho de retransmissão social peculiar: através da rede de instituições sociais. Tal rede, afora “retransmitir” a ideologia que tece “maquiagem” entre as “necessidades básicas” e as necessidades “não básicas”, agora, visando a hegemonia mais

totalizante, transmite um modelo que se inicia a partir da vida simbólica ou de uma produção da subjetividade que interfere em um ponto mais “visceral” para o indivíduo: sua produção de desejo inconsciente. Em outras palavras, não é que o trabalho da ideologia sobre as necessidades reais ou fictícias deixe de ser importante, porém quando entra em cena a subjetividade hegemônica, há um aprimoramento da eficácia da unidimensionalidade, já que inconscientemente, será o próprio indivíduo que terá prazer em desejar e servir ao capital. Obviamente, tudo isto ocorrerá através das instituições, ou seja, entrará em cena a instituição da família, a instituição de educação, de trabalho e assim por diante. Desta forma, cada indivíduo “aprenderá” a seguir o modelo de uma vida dita feliz dentro da sociedade de consumo. (BASTOS, 2009, p. 113)

Apesar de não existir elementos que liguem diretamente o suicídio ao desemprego, de outro lado, há pesquisas, tais como a de Correia (2006), que indicam que o desemprego, pode ocorrer em alguns casos como fator desencadeador da autodestruição fatal. Neste particular, a situação do desemprego coloca o sujeito em estado de vulnerabilidade e, frente a tal situação, o suicídio aparece. Sim, porque, na maioria das vezes, sob a ordem capitalista, quem garante a sua identidade e sua inserção é o seu emprego e, assim, quando o perdemos, o sujeito pode se sentir desvinculado de seu grupo social.

O desemprego tem um impacto potencial sobre o risco de suicídio não só do indivíduo como de seus familiares. Ao deteriorar as condições econômicas da família, acaba por reduzir a autoestima, desencadear pensamentos pessimistas, causar ansiedade, limitar o acesso aos tratamentos e provocar tensões conjugais. (CORREIA, 2006, pg. 19)

Como se sabe o sistema capitalista explora o trabalho. Conforme Netto e Braz (2010), o trabalho é a transformação da natureza para atender uma necessidade social. Mas, essa transformação não é apenas na natureza, pois o homem precisa cada vez mais se aprimorar. E com essa interação o sujeito transforma a natureza, a si mesmo e toda estrutura social. Desta forma, o trabalho para o sujeito é a fonte da dignidade, do bom caráter e de uma certa forma de poder. A partir disso que o sistema se aproveita e começa a ditar as regras.

De acordo com Albuquerque (2018), uma das consequências da venda da força de trabalho é a perda do controle do trabalhador no processo de produção e de tomada de decisão. E assim, o trabalho se torna alienado criando características de subsistência. Desta forma, o trabalho não transforma o indivíduo em ser social. Antes o trabalhador transformava a natureza para atender as suas necessidades e a si mesmo a partir das suas objetivações promovendo a construção da relação social. Portanto, o homem está extremamente ligado a relação social através do trabalho. Mas, com o capitalismo tardio o trabalhador produz para ter o salário e assim se distanciou da natureza e não se reconhece a si e nem ao outro. Assim, o trabalhador passa a ser servo da própria mercadoria e do sistema. A lógica é que cada vez que o capitalismo vai evoluindo a alienação começa a ser determinante na subjetividade do homem. E com a precarização do trabalho e do trabalhador, como a perda dos direitos trabalhistas o sistema capitalista promove uma realidade de medo, repulsa, inferioridade pois coloca o ter mais importante do quer ser na relação social alienada e isso pode levar ao adoecimento físico, mental e até mesmo a atitudes extremadas como o suicídio. É a partir do cooptação da subjetividade do homem que o sistema motiva a concorrência entre os sujeitos fazendo com que se produza cada vez mais e dando todo o seu tempo para a participação do lucro. O sistema explora o trabalhador de forma “full time” (tempo integral de trabalho), sem que ele perceba, provocando o stress, insônia e assim irá desencadear outras patologias tudo para “bater meta”, ou seja, ganhar a concorrência. Com isso cria uma fantasia de que o ganhador é melhor que o outro, coloca um trabalhador como fiscal do outro e isso provoca o esgotamento mental.

O sistema exige do trabalhador cada vez mais eficiência para atender as demandas efêmeras do mercado.

Assim o trabalhador tem que estar disposto a se adaptar às mudanças da realidade que se transforma a cada minuto. Ele aceita ser pressionado para poder se sentir inserido no sistema. Quando o trabalhador não acompanha o ritmo acelerado do capitalismo tardio ele adocece e se agarra na doença, como forma de se proteger, e não se cuida. Pois, se o trabalhador não estiver acompanhando, se adaptando as mudanças da realidade ele será desligado do sistema e este perderá o poder de consumo que promove a ilusão do pertencimento da relação social. Diante disso, atitudes extremadas como o suicídio podem parecer como única alternativa para dar fim ao problema de um desempregado, de um trabalhador exausto, deprimido, ansioso que não atende as perspectivas de uma sociedade que legitima a concorrência entre os sujeitos.

1.3. A cultura afirmativa e capitalismo: a criação da subjetividade (a alma de consumo)

1.3.1. O caráter afirmativo da cultura

Nesta parte do trabalho vamos debater agora a cultura afirmativa, que é a cultura do capitalismo tardio. Ela será desenvolvida aqui na crítica que Marcuse (1997), apontando que, em suma, visa ajudar o capital a disseminar um modo de vida com forte tendência para reificação. Detalhe: este modo de vida tem a pretensão da unanimidade, a qual, para Marcuse, é denominada de unidimensionalidade.

Cultura? Que cultura? Introdutoriamente, podemos trazer ao centro da discussão de que a cultura, antes de tudo, é o conjunto de saberes e de produção que construímos a fim de que possamos aumentar nosso desenvolvimento e civilidade. Mas, diante disto, o pensamento marcuseano indagaria: “Desenvolvimento, civilidade, para quem?” Face a essas indagações, Marcuse (1997) defende que, para ele, o

importante é estudar a cultura do capitalismo, a qual na crítica que faz a ela e a esse sistema de exploração, será denominada aqui de cultura afirmativa.

Enfim, tal crítica aponta basicamente o seguinte: (1) antes da queda do muro de Berlim, Marcuse (1969) diz que socialismo estalinista vigente, que na realidade não era socialista. Ao contrário, era um capitalismo de estado que beneficiava não a classe trabalhadora, mas uma pequena camada social. Assim, aquela disputa com os Estados Unidos, a considerada Guerra Fria, seria vencida por esta última potência, a qual, a partir daí, lideraria os outros países capitalistas e globalizaria o mundo sob a ordem do capital.

(2) Assim, o capitalismo dominaria o mundo, criando um controle eficaz sobre os sujeitos, bem como reproduzindo seus valores consumistas, porque se globalizaria principalmente por uma peculiaridade. Esta peculiaridade que será uma das questões mais importantes dessa cultura capitalista globalizada será nada menos do que a criação de uma alma de consumo em cada cidadão. Apresentando de outro modo, para Marcuse (1997), a eficácia desse capitalismo globalizado se funcionaria tanto porque ditaria para todos o modo de vida econômico, mas também porque ocuparia a subjetividade humana. Ao fazer tal procedimento, tal ordem criaria a alma de consumo, ou seja, a subjetividade hegemônica.

(3) Isso implicará que será criado um modo de vida que além de seguir a ordem econômica da exploração, expropriação e escravização ao capital pelos diferentes cantos do planeta, esses valores estarão sedimentados a partir de uma “vida interna” em cada sujeito. Traduzindo: a partir disto, cada um desejará, sentirá, olhará, pensará e falará como essa ordem capitalista quer. Assim, através da ocupação do capitalismo de lado subjetivo em cada um de nós, passaríamos a viver, digamos, sob uma espécie de servidão voluntária: o sujeito troca a sua liberdade pela liberdade de exploração;

busca apoiar ideias, líderes e políticas que em vez de emancipá-lo, cria assujeitamento e sofrimento para ele, sua família, seu grupo social e assim por diante.

O curioso é que, talvez inspirados nessa crítica marcuseana, há vários estudos constatando que estamos vivendo esse fato terrível em pleno século XXI, em que o nosso planeta acaba escolhendo e sendo escolhido para viver sob o domínio do “partido único” do mercado (Safatle, 2020; Dardot & Laval, 2016; Fisher, 2020).

Dardot & Laval (2016), por exemplo, mostrando que esse capitalismo globalizado prega à luz do dia que para continuar vivendo sobre sua hegemonia é preciso aderir aos seus três pressupostos básicos, que são a austeridade, a quebra total de direitos e o dito Estado mínimo, fatos que prejudicam principalmente 99% da população. Então, qual será o porquê de que, os povos no mundo não se revoltam? Entre outras análises, esses autores dizem é pelo fato de que, contraditoriamente, a grande maioria apoia o modo de vida econômico e subjetivo desse modelo, muito bem difundido e disseminado por todas as instituições sociais: mídias, igrejas, escolas, grupo familiar instituições políticas e assim por diante.

1.3.2. A cultura afirmativa e o ultraindividualismo:

A cultura afirmativa no capitalismo tardio tem a pretensão de estimular o desejo da busca da felicidade do indivíduo, apontando que ele não só é vital para o sistema, como deve estar acima de tudo. Evidentemente, está se falando aqui do desejo ultra individual, voltado exclusivamente para dar lucro e exclusivamente para questões privadas, de forma a desenvolver a liberdade: “liberdade de exploração”.

O detalhe é que, enquanto se estimula esse desejo elevado ao máximo e mesclado com questões crescentes de cunho privado, evita-se, sob qualquer custo, o levante e a revolta coletiva contra os valores da sociedade de mercado.

Obviamente, esse trabalho com o desejo é inconsciente. Este desejo tem relação com as pulsões freudianas, tanto de Eros quanto de Tanatos. Elas, que vivem exclusivamente em função do prazer, formam a nossa subjetividade (Marcuse, 1981). Tal subjetividade, como vimos, além de estar ocupada agora com os valores de consumo, é disseminada como um modo de vida padrão, pró capitalista, pelo conjunto das instituições sociais.

Na realidade esse processo de captura do desejo pela ordem capitalista que se dá dentro da cultura afirmativa, em resumo, acontece da seguinte maneira: de um lado, essa cultura cria uma dicotomia: há a vida interna e política. Esta última deve ser desprezada, já que a política é algo negativo, ou seja, as pessoas e os políticos só pensam em si, portanto, devemos deixar de lado, bem como tudo aquilo que foge aos nossos interesses próprios. Importante, aqui, sob qualquer hipótese, não são as lutas coletivas, mas sim as nossas lutas pessoais e nossos interesses extremamente privados. De outro modo, chegamos ao que interessa: a cultura capitalista tem como propósito dividir o mundo em parte externa (política e história) e parte interna (vida interior e pessoal do humano). Evidentemente, dando força apenas para a vida interior. Sim, na vida interior, além de ser a vida mais valorosa, é o lugar em que podemos nos desenvolver como bem queiramos. Nela, não só poderemos desenvolver valores verdadeiros de aprimoramento, como também, através disto, poderemos nos sobrepor a nós próprios e superarmos todo e qualquer outro que queiram nos impedir.

Obviamente, esse procedimento é verdadeira lenda, pois o indivíduo que quer mudar o mundo, mas só muda internamente e se fecha para qualquer articulação política e institucional, ele está dando força para tudo aquilo que o oprime e o escraviza. Enfim, tal procedimento, ao longo dos anos, faz que cada um de nós, abandone todo e qualquer vida coletiva, vá se tornando um sujeito altamente individualista, pois só

interessa a minha família, os meus negócios, os meus interesses privados. Assim, tudo aquilo que vai contra isso, é algo ruim e deve ser combatido, desprezado.

A cultura afirmativa tira o empoderamento da sociedade através do ultraindividualismo, a partir da ocupação e domínio da subjetividade. Isto sem contar que destrói a democracia e solidariedade com a falsa realidade de liberdade, igualdade, fraternidade, bem como, ao mesmo tempo, fomenta uma sociedade egoísta.

Para o sistema se manter é necessário fomentar a pobreza extrema e diminuir os direitos sociais pressionando o estado a cortar os altos impostos. O direito à cidadania na sociedade de consumo é de quem tem o poder aquisitivo. Portanto, a cidadania não é universal. O domínio hegemônico diz ser mais necessário para o indivíduo conquistar o carro da moda, as marcas de roupa e outras mercadorias que levam ao consumo do que saúde, alimentação, educação, moradia e o mais importante a liberdade individual real. A cultura afirmativa visa criar um modo de vida individualista ao extremo reforçando a ideia de que só o lado individual precisa existir, ou seja, cada um por si e o deus do partido único do mercado contra todos.

“Ele traz em si uma ideia muito particular da democracia, que, sob muitos aspectos, deriva de um antidemocratismo: o direito privado deveria ser isentado de qualquer deliberação e qualquer controle, mesmo sob a forma do sufrágio universal.” (DARDOT, Pierri; LAVAL, Christian. A nova razão do mundo. pg. 8).

Segundo Capítulo:

O suicídio e a questão psicossocial

2.1 A Morte

A morte, segundo Ariès (1977), é um dos maiores dilemas da sociedade, pois, em geral, ela tem a morte como tabu: ninguém quer falar sobre a respeito, já que, este assunto muitas vezes está associado a ruína, a solidão e/ou a separação de quem se ama. Enfim, a morte, aqui, se reduz ao fracasso, logo, como ela é um fato e, mais dia menos dia chega a todos e todas, ela é negada.

A sociedade contemporânea valoriza, antes de tudo, uma razão utilitarista em que todos têm pleno direito de acesso ao maior número de bens materiais, mas não têm acesso aos bens da cidadania: acesso à educação pública de qualidade, acesso à saúde de qualidade, acesso à justiça plena e assim por diante. Sim, enquanto essa razão utilitarista nos sedimenta os valores do ter, os quais nos garantem status, poder e inclusão social exclusivamente pelo consumo; os bens da cidadania apontam para a construção dos valores do ser. Este, além de não seguirem essa razão pragmática, não servem para nos guiar para a mera ascensão material. Contudo, na hipótese de cultivarmos esses segundos valores, ainda que não sirvam para nos tornar ricos materialmente, nos dão a riqueza de vínculos. Vínculos que, em tese, existem entre pessoas que se abrem para construir relações mais próximas com o outro e solidificam nossos afetos, fato que se dá quando os cultivamos de forma simples e sincera. Vínculos que, frequentemente, tende a ocorrer de forma mais duradora com nossos filhos, nosso par conjugal, nossos familiares, amigos reais.

A propósito, vale pontuar que pesquisas feitas com um grupo de empregadas domésticas, tais como a de Santos-

Stubbe (1995), apontam que quanto maior é a probabilidade da existência desses vínculos, digamos, mais sólidos com o outro, menor é a chance de a pessoa cometer o suicídio. E, aqui, o contrário, lamentavelmente também é verdadeiro¹

De acordo com Kovács (2001), o homem por ser um animal racional, o qual tem uma linguagem e capacidade de raciocinar, vê que é um ser mortal e tem como principal característica a consciência da sua finitude. Fato que o diferencia de outros animais não racionais. A partir do nascimento o homem já começa a se relacionar com a morte. Sendo que para a criança é muito difícil a definição de vida e morte, porque nesta fase da vida o que não tem movimento, a falta da alimentação, a respiração, tudo isso são sinais de que não existe vida. Entretanto, aqui, a criança vê a morte como um fato reversível. Na adolescência, de outro lado, a consciência da morte é definitiva e irreversível, mesmo que seja uma fase do desenvolvimento em que o jovem enfrente diferentes desafios, bem como o rompimento de limites, tudo isso decorrente do processo da formação de um novo ser, da elaboração da sua identidade. Já na fase adulta não há um lapso de tempo que determine o início e o fim; o parâmetro utilizado é o final da adolescência. Referimo-nos ao instante em que as exigências externas como trabalho, constituição de uma

¹ Esse estudo sobre aumento de suicídio com as empregadas domésticas mostrou algo singular: não basta dizermos com a “palavra” que a pessoa é próxima de nós, que será tratada como “da família”. Sim, somente isto não garante que existirá vínculos realmente sólidos entre os membros que vivem em um mesmo lar, promovendo trocas e respeito pelo outro, garantindo a autonomia e o crescimento mútuo. Tais empregadas domésticas, por exemplo, apesar de trabalharem anos em um determinado lar, ainda com o rótulo de quem eram “membros da família”, de fato não tinham vínculos com aquele agrupamento familiar. Ao contrário, o estudo revelou que, afora trabalharem 24 horas e não terem descanso algum, não tendo sua dignidade e direitos respeitados, não na retórica, mas na prática, os laços entre elas e os demais membros da família era de escravização e simbiose. Muitas delas, à época, nem carteira assinada tinha. Em certos casos, algumas tentavam o suicídio, para que pudessem se libertar daquele jugo que lhes sufocava a singularidade. Enfim, em tese, essas empregadas, de fato, não tinham vínculos significativos com aquele grupo que as “adotava”; os vínculos que lhes era proposto, ao contrário, aumentava-lhes a possibilidades de autodestruição fatal.

família, a construção de pilares para a vida etc., começam a ser cobrados do indivíduo, fato que deixa o pensamento sobre a morte, agora, mais distante. Diante disto, o adulto não vive a vida pensando na possibilidade de morrer e não extravasa mais a quantidade de energia que o adolescente emprega em seus atos. A fase adulta é o entremeio da adolescência e da velhice. Contudo, mesmo assim, aqui, há um momento em que nesta fase adulta, a vida começa a vida e assim começa a ver a possibilidade da própria morte; não é mais só o outro que morre somente.

Enfim, a partir dessa avaliação a vida começa a nos cobrar uma re-significação. É inevitável parar o tempo e sendo assim a consciência da morte começa a se fazer mais presente. E, agora, com o passar desse tempo, a velhice chega. Ora, chegar na fase da velhice é, antes de tudo, averiguar que se atravessa um momento no nosso desenvolvimento que é carregado de mais estigmas e atributos negativos. Pois é a fase em que as doenças se manifestam com mais agressividade, a transformação do corpo é desfavorável ao padrão esteticamente definido, as limitações são mais visíveis, o poder aquisitivo diminui. Isto sem contar que existe a tendência de se marginalizar o velho, pois, neste momento ele não é mais produtivo, daí a sua dita insignificância agregadora. A velhice é a fase da vida que tem a morte como perspectiva (Kovács, op. Cit).

Kovács ainda aponta que se, de um lado, temos uma tendência de pôr a morte apenas no fim da vida, ou mesmo isolá-la, no sentido de só permitir pensarmos nela em ocasiões excepcionais (velórios, situações de calamidades, velhice etc.). Este procedimento que acaba reforçando o comportamento de negação, temor da morte, é um equívoco. Sim, basta observarmos que veremos que desde o período de nosso nascimento e entre as diversas fases da existência, a morte sempre está e sempre esteve presente. Daí que quanto melhor

você vive menos teme a morte e quanto é mais insatisfatória é a vida mais se agarra a morte.

Os velórios para muitos se tornam apenas ocasiões de encontro social ou exibição de prestígio, perdendo seu significado psicológico básico, que é o de facilitar a elaboração do luto pelo que se vai e a transformação que ocorre em cada um que fica. Os enterros muitas vezes se constituem apenas em formas rápidas e eficiente de dar um fim ao corpo. O período de luto é reduzido, os vivos logo reassumem suas atividades cotidianas da maneira habitual. Além disso, há uma espécie de tabu ao redor do tema da morte: não se deve falar no assunto, muito menos compartilhar certas experiências. (Kovács, 1992, P.139)

Para Kovács (2001), apesar da perspectiva da morte está atrelada a nós desde nosso nascimento não é relevante promovê-la em rituais macabros, bem como negá-la, pois, procedimentos fortalecem o tabu da morte. Sim, tal fato dificulta o aprender a lidar com ela, não como um fracasso, mas como uma condição humana própria, já que, sendo parte da vida, pode nos facilitar a encontrar um sentido, que é singular para cada um.

Singular? Que singular? Ora, mesmo que todos nós venhamos a falecer, enquanto vivermos, faz-se necessário, na medida do possível, tentarmos darmos o melhor de nós, cada um através de seu próprio contexto, sua própria vida. Talvez, para que, quando tivermos de enfrentá-la, tenhamos tentado dar o melhor de nós, cada qual pela sua singularidade, tudo isso antes das “cortinas descenderem” no que se diz que é este teatro da vida.

Aliás é interessante notar que a maioria dos seres humanos e na maior parte do tempo vive como se fosse imortal. Existem (talvez, felizmente) mecanismos mentais que impedem que tenhamos consciência permanente de nossa finitude. Poucos homens percebem de forma clara que existe a passagem do tempo e se permitem aproveitar melhor a vida, por isso, e quem sabe, podendo deixar de desgastar-se com pequenas coisas. Alguns tomam essa consciência após crises, doenças graves, proximidade da morte, guerras etc., que os fazem reavaliar a vida. Muitas vezes, a percepção da finitude que o indivíduo possa perder ou sacrificar algo (que não deixe de ter tanto valor) em função de interesse maiores, de sua família, seu grupo, ou de toda a sociedade. (...) (Roosevelt, 1984, p. 23)

Em concordância Kovács (2001), a morte é um fenômeno que faz parte do nosso desenvolvimento. Se ela é algo que faz parte a condição humana e pode ocorrer em qualquer instante da existência, urge aprendermos a lidar com nossa finitude. Dentre os parâmetros que nos podem ajudar e construirmos um sentido mais pelo ser e menos pelo ter em nossas vidas. Entretanto, diante de uma sociedade ultra individualistas tal como é a sociedade capitalista, tal fato fica, às vezes, muito difícil.

Com o surgimento do ultraindividualismo, através da dinâmica do capitalismo moderno, o ser humano acredita ser autossuficiente, que não precisa do outro; então, ele é visto como instrumento de trabalho e de produção que não pode adoecer e muito menos morrer, pois deixará de ser útil. Isto sem contar que ao romper com a negação da morte e buscar lidar com ela construindo um sentido singular, como discutimos anteriormente, o qual caminha mais pela busca de valores do ser e não do ter, considerando que essa busca contraria os

pressupostos de que “fora do mercado não há salvação”, logo a morte deixará de ser reduzida apenas ao fracasso, alargando indiretamente a consciência histórica em detrimento da consciência subjugada ao mero consumo.

Evidentemente, esse fato de negar a morte não deve ser visto isoladamente, mas sim do prisma de todo um desenvolvimento histórico, no qual a sociedade vai sendo dominada pelo capitalismo. Ariès (1977), por exemplo, argumenta que esse sentido vigente foi criado ao longo dos séculos, até chegarmos atualmente ao tabu e a negação da finitude. Em outras palavras, a título de ilustração, ele argumenta que tempos atrás o doente era cuidado em casa, cercado de atenção e afeto. Contudo, com o advento do capitalismo ele vai agora para o hospital; mergulha sob contexto técnico em que muitas vezes a relação paciente e profissional não é humanizada. Desta forma, o paciente se sente inibido de falar dos seus sentimentos e pensamentos, sentindo-se cada vez mais confinado e subjugado a normatizando de especialistas. Em síntese, seria como se, ao longo dos tempos, fosse se criando um modo de existir para que a morte fosse domada, reduzindo-a ao sentido do fracasso citado. Isto implica que, agora, não se pode mais falar da morte em todos os lugares, mas apenas nos lugares permitidos. Sim, nas empresas funerárias, nas igrejas em que se pagaria díizimos e se receberia o devido consolo, bem como nas instituições de saúde em que ela seria confinada, submetendo-se aos pareceres técnicos e/ou de seus diferentes especialistas.

Quantos aos especialistas e/ou aos citados profissionais de saúde que passariam a tratar da morte, há ainda aqui uma peculiaridade. Em paralelo a dita “domação” da morte, nasce também toda uma indústria que, em tese, determina o pano de fundo da medicina ou desses especialistas. Este pano de fundo é sinônimo da indústria farmacêutica com seus laboratórios

bastantes implicados com a saúde, de forma que, grosso modo, produzem um sentido básico para a saúde. Na realidade, observando tal desenvolvimento, podemos dizer que, em tese, nos dias de hoje, há dois sentidos principais da saúde que atravessam a medicina e a área de saúde como todo: de um lado, existe o sentido da saúde como combate à doença (doença orgânica); de outro, a saúde como qualidade de vida.

Na primeira modalidade, que é a hegemônica, acontece o seguinte: quando o paciente está diagnosticado com uma doença bem próxima ao terminal e já foi tentado tudo do ponto de vista farmacológico e técnico, na maioria dos casos, usa-se um protocolo padrão: quando não se pode mais combater a doença orgânica, quando os remédios e o aparato tecnológico, depois de testado exaustivamente, não resolve, deligam-se os aparelhos, cessa a parte farmacológica e vamos para um outro corpo.

Na segunda modalidade, que é ainda minoritária na saúde, em contraponto, ocorre o seguinte: o paciente já foi diagnóstico que tem grandes chances de morrer e, na maior parte das vezes, tal diagnóstico não está equivocado, porém, mesmo que a aparelhagem e a farmacologia não possa mais atuar, há ainda procedimentos terapêuticos que podem ser feitos. Procedimentos, que tem como propósito manter a vida mais qualitativamente e não quantitativamente. Sim, é a atuação da busca da saúde como qualidade de vida: pode-se, por exemplo, entre outras ações, trabalhar a subjetividade do cliente, pode-se trabalhar seus vínculos mais próximos (em geral, o paciente possui parentes que gostaria de rever esse ou aquele comportamento; ele talvez queira reatar com um filho, com um neto; pode estar precisando de uma escuta para que diga de seus sonhos fundamentais ou mesmo queira falar de coisas que não gostaria mais de guardar só para si etc. Enfim, nesta última modalidade a morte não é tabu e nem se reduz ao

fracasso. Mas, às vezes, é uma chance de se ver, então, mesmo sendo portador de um diagnóstico terminal, dependendo do cliente, ele pode receber apoio da equipe de saúde para se reconstruir, sobretudo entre suas crenças e conquistas vinculares. Isto não é reduzir a saúde ao mero combate da doença orgânica, porém é lutar por um tipo de saúde que não se simplifica apenas no nosso lado orgânico.

Em síntese, tudo isso é para mostrar que essa negação da morte é algo construído historicamente e, anda tendo amparo no sentido hegemônico de saúde, tal “negação” está vigorando. Ora, se tal fato acontece com a morte, imagine a dificuldade com a morte de si mesmo e/ou com alguém que tem o corpo orgânico sem nenhum distúrbio que possa levar a terminalidade e, por conta própria quer morrer. A propósito, Cassorla (1980) argumenta que da perspectiva do capitalismo a ciência, antes de tudo, deve estudar maneiras para à manutenção da vida; contudo, o suicídio ou a tentativa de suicídio é vista como uma heresia, já que contraria toda essa “filosofia de vida”, provocando o repúdio social e se tornando um fenômeno que não é aceito.

Mas, independentemente de se estar diante do tabu com a morte e do suicido, faz-se necessário enfrentarmos esse tabu. Como na próxima parte deste capítulo trataremos especificamente do suicídio, ainda para concluir esta parte, tratando da dificuldade em se lidar com a finitude, vejamos o que Kovács (1993) ainda problematiza:

A morte faz parte do desenvolvimento humano desde a mais tenra idade. Nos primeiros meses de vida a criança vive a ausência da mãe, sentindo que está não é onipresente. Estas primeiras ausências são vividas como mortes, a criança se percebe só e desamparada. Efetivamente, ela não é capaz de sobreviver sem a mãe. São, no entanto, breves momentos ou, às vezes, períodos mais longos, porém logo alguém aparece. Mas esta primeira impressão fica carimbada e marca uma das representações mais fortes de todos os tempos que é a morte como

ausência, perda, separação, e a consequente vivência de aniquilação e desamparo (Kovács, op. cit, p. 3).

2.2 A questão do suicídio e sua definição

Conforme os estudos, tal como o de Cassorla (1981), o suicídio é um fenômeno complexo e multifatorial o que torna difícil, às vezes, relacioná-lo a só uma causa. Em tese, pode-se afirmar que, de forma geral, quando alguém se mata, busca acabar com seu sofrimento, e não com a própria vida. Desta forma, o que promove essa dor pode ser desencadeada por motivador social como também pode estar atrelado a saúde mental do indivíduo como algum transtorno. O suicídio, frequentemente, é a última alternativa que o indivíduo opta na vã tentativa de escapar da dor.

Não existe uma causa para o suicídio. Trata-se de um evento que ocorre como culminância de uma série de fatores que vão se acumulando na biografia do indivíduo, em que entram em jogo desde fatores constitucionais, até fatores ambientais, culturais, biológicos, psicológicos etc. O que se chama “causa” é, geralmente, o elo final dessa cadeia. (CASSORLA, pg. 20-21)

De acordo com BASTOS (2009. 2006), conceituar o suicídio é tarefa difícil. Ele argumenta que, em primeiro lugar, que as visões preconceituosas (“o suicídio é um ato de covardia”; “é um ato de liberdade”), podem comprometer o entendimento, principalmente em termos terapêuticos e preventivos. Em segundo lugar, nem todos sabemos observar que existe uma diferença básica entre “tentativa de suicídio” e “suicídio fatal”. Ora, se frente as “tentativas” há ambivalência

entre “o querer morrer” e “o querer viver”; diante da auto destrutividade fatal, o sujeito está firmemente determinado a se matar.

Diante disso, é importante se discutir o a autodestruição como graus de suicídio, de maneira que na medida em que esses graus aumentam, aumentam também a crescente possibilidade de alguém se matar. Em outras palavras, partindo de tal pressuposto, este trabalho definirá o suicídio como segue abaixo.

De acordo com Stubbe (1982; Bastos, 2009), para conceituá-lo, é preciso em primeiro lugar, partir do pressuposto de que não existe o suicídio, mas suicídios. Sim, tal fenômeno deve ser entendido dentro de um contínuo existencial, que vai desde o momento em que pessoas está viva e enfrenta os primeiros graus (graus inconscientes da morte), passando pelos graus intermediários (tentativas de suicídio), até a chegar aos últimos graus da morte de si mesmo (graus de suicídio extremado/ suicídio fatal). Para se ter uma ideia, sugerimos que se observe a figura 1 abaixo.

Figura I:

Contínuo da autodestruição

VIDA 1ºgrau / 2ºgrau / 3ºgrau ► **MORTE**

(fantasias suicidas) (tentativas de suicídios) (suicídios exitosos)

(Bastos, 2009, p. 71)

Diante dessa figura 1, várias leituras se destacam. Dentre elas, em primeiro lugar, ressalta-se que diante de um

comportamento autodestrutivo crescente, não há apenas um suicídio, mas vários. (Stubbe, 1982). Sim, isto também se traduz em uma discussão importante na análise desse “contínuo”, ou seja, frente a hipótese de seu avanço, há diferentes gradações na autodestruição, que são: primeiros graus de suicídios, graus intermediários e graus extremos.

No primeiro grau, de acordo com BASTOS (op. cit.), o grau do auto destrutividade é tipicamente inconsciente. Assim, apesar desse grau variar de um indivíduo para o outro, todos nós o possuímos. Entretanto, o fato de possuir, não necessariamente significa que todos nos tornaremos um paciente suicida. Já que tal fato, quando ocorre, se dá quando esses primeiros graus, obedece a uma tendência crescente nesse contínuo e, principalmente quando se busca o tratamento devido, podemos chegar ao último grau.

Mas, voltando a discussão dos “primeiros graus”: aqui, a título de ilustração, tal procedimento poderá ser demonstrado, entre aqueles indivíduos que, vez por outra, negligenciam a própria saúde; entre os que colocam a vida em risco quando estão ao volante de um automóvel, seja andando em velocidade acima do permitido, seja dirigindo na contramão e assim por diante.

No segundo grau, ou nos graus intermediário, faz-se necessário uma evidência concreta sobre a auto destrutividade, ou seja, nesta fase, situam-se os que, de fato, tentam o suicídio. Independentemente disto, neste momento, o indivíduo está também em dúvida: de um lado ele quer acabar com tudo, de outro ele quer a vida ainda. Enfim, trata-se do instante em que as pessoas que tentam o suicídio apresentam, em geral, um fato bastante característico: enfrentam muita aflição por conta da indecisão quanto ao desejo de se matar e de se viver. A grande questão desta fase é que o fato de ter

tentado não significar ser suicida, mas, ainda assim, há um detalhe: as “tentativas” não podem ser desconsideradas. Ao contrário, considerando que, mesmo na ambivalência, elas estão dizendo algo importante, seja sobre aquele indivíduo, seja sobre sua família, seu contexto e assim por diante. Porque ao desmerecê-las e não lhes dar o devido valor, inclusive, encaminhando esse indivíduo para um apoio psicoterapêutico, é pactuar aqui mais com o processo autodestrutivo; é permitir que o indivíduo ainda permaneça no estado da dúvida e de fato efetue a autodestruição durante as tentativas. Portanto, não se deve esquecer: uma vez realizado uma “tentativa”, caso seja negado esse “pedido de socorro” e não se encaminhe esse sujeito para um tratamento, há grandes possibilidades de ele vir tentar de novo, aumentando-lhe as chances concretas de se matar.

No terceiro grau, segundo Bastos, não só se está no nível extremo do comportamento suicida, como o desejo de se matar é mais sólido e todo cuidado é pouco. Nesta fase, como o sujeito está firmemente determinado a se destruir, além do recurso do remédio e até de uma internação, é fundamental ainda a participação da família em se submeter à uma orientação e/ou terapia familiar, bem como pode se contar, quando é o caso, com o apoio de outros profissionais além do médico e esse especialista em família. Há casos, por exemplo, que o paciente aqui neste grau, mesmo internado, fica com uma equipe lhe acompanhando por 24 horas a fim de que não só se sinta acolhido e possa ser escutado, como também se trabalhe seus vínculos, no enfrentamento de seu meio imediato e, na melhor das hipóteses, se possa conversar e, possivelmente, repensar suas escolhas.

Assim, tendo em conta que crises e sofrimentos psíquicos não se resolvem com “receitas de bolos”, nem “num passe de mágica”, porém se a família se propõe a se ver, há o

apoio do grupo de acompanhantes para se tentar enfrentar junto com o paciente o seu entorno no dia a dia (tanto na internação quanto logo após a sua “alta” e retorno ao meio), faz-se necessário um trabalho junto a própria subjetividade desse paciente. Basta recordar que, como já diz Cassorla (1984, p. 18): “O suicida não está querendo necessariamente matar-se, mas matar uma parte de si mesmo. No entanto, isso é impossível, e ele, como num engano, acaba matando -se e morrendo inteiro(...)”.

A OMS (organização Mundial de Saúde) define o suicídio como sendo fenômeno complexo da morte deliberada de si mesmo. E a OMS juntamente com a Organização Pan – Americana da Saúde (OPAS) e no (10 de setembro de 2016) dia mundial de prevenção ao suicídio, declarou como um grave problema da saúde pública devendo ser prioridade na agenda global de saúde.

Segundo o estudo descritivo do perfil epidemiológico, publicado no Boletim Epidemiológico do Ministério da Saúde, entre os anos de 2011 - 2015 foram registrados 55,649 óbitos provenientes do suicídio. Dados fornecidos pelo Sistema de Informação sobre Mortalidade Informação sobre Mortalidade (SIM). Esse estudo também é um descritivo do perfil epidemiológico dos indivíduos que tentaram suicídio, bem como aqueles que evoluíram a óbito por essa causa no Brasil no período de 2011 a 2016. A pesquisa tem caráter relativo ao número de tentativas de suicídio e suicídio fatal ocorridos no período de 2011 a 2016, considerando todo território brasileiro.

Os gráficos analisados aqui neste estudo pretendem apresentar de forma quantitativa as tentativas do suicídio e o suicídio fatal considerando as características da ocorrência do fato (relação com o trabalho), do local e do sexo dos indivíduos.

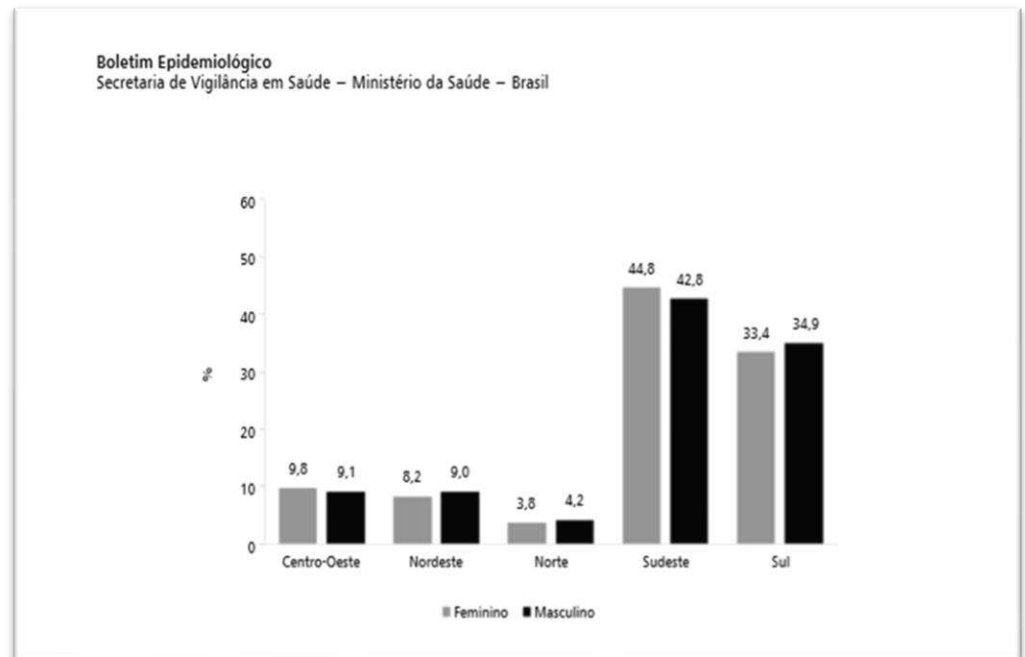


Gráfico 1. Proporção notificação de tentativas de suicídio, segundo sexo e região de residência, Brasil, 2011 a 2016. (Secretaria de Vigilância em Saúde, Boletim – Perfil Epidemiológico, pág. 7)

Através do gráfico é perceptível a quase equivalência dos números das tentativas do suicídio conforme o sexo. No nordeste as mulheres tentam um pouco menos que os homens como também no norte e no sul do país. No centro-oeste e sudeste do país as mulheres são mais tentantes que os homens. A pesquisa revela que 197 dos casos com as mulheres foi relacionado ao trabalho e já com os homens foram 102 casos que envolviam a mesma questão. Apesar da pesquisa analisar os possíveis fatores característicos das ocorrências eles não foram relatados em qual região preponderou mais.

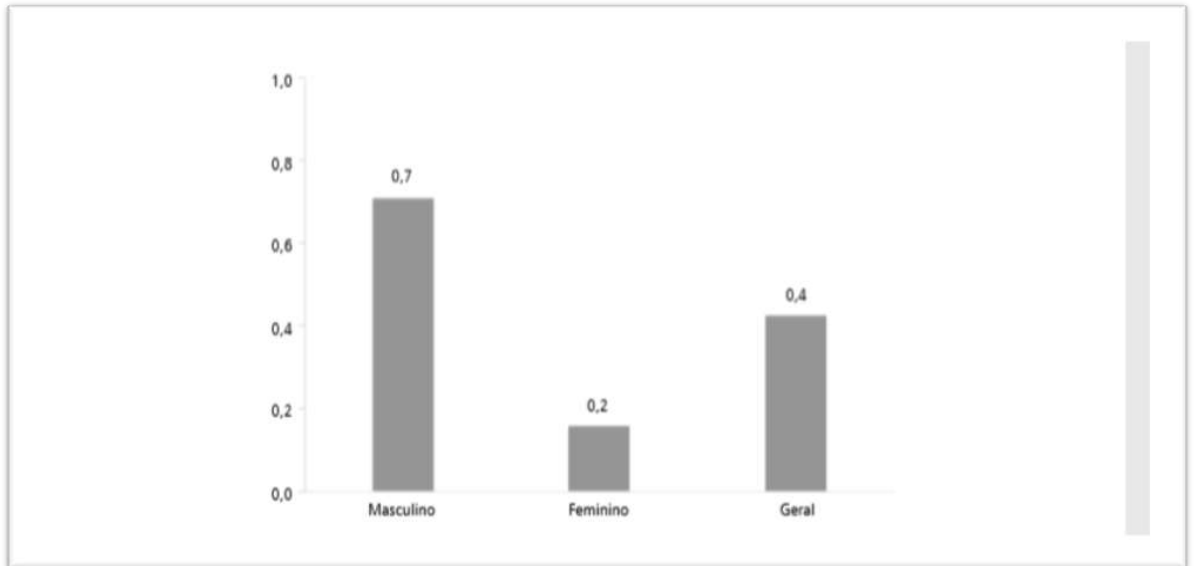


Gráfico 2. Variação da taxa de mortalidade por suicídio, por 100 mil hab., segundo sexo, Brasil, 2011 a 2015. (Secretaria de Vigilância em Saúde Perfil Epidemiológico, pág. 8)

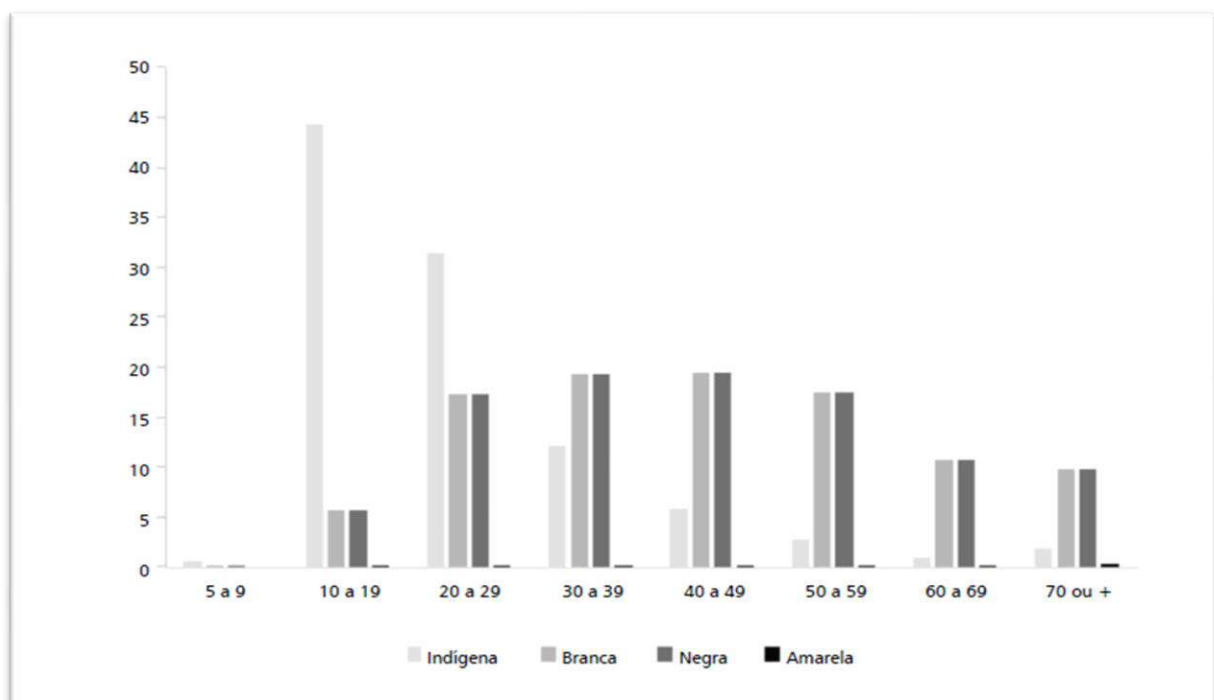


Gráfico 3. Proporção de óbitos por suicídio, segundo faixa etária e raça/cor da pele, Brasil 2011 a 2015. (Secretaria de Vigilância em Saúde Perfil Epidemiológico, pág. 9)

No período de 2011 a 2015 foram registrados 55.649 óbitos por suicídio no Brasil, com uma taxa geral 5,5/100 mil hab., variando de 5,3 em 2011 a

5,7 em 2015. O risco de suicídio no sexo masculino foi de 8,7/100 mil hab., sendo aproximadamente quatro vezes maior que o feminino (2,4/100 mil hab.). Em ambos os sexos o risco do suicídio aumentou, ao longo do período, passando de 8,4 para 9,1/100 mil hab., no sexo masculino e de 2,3 para 2,5/100 mil hab. no feminino. (...) Independentemente do sexo, as maiores taxas de suicídio foram observadas na faixa etária de 70 anos (...). Analisando-se a proporção e óbitos segundo faixa etária e raça/cor da pele, observou-se que 44,8% dos suicídios ocorridos na população indígena foram cometidos por adolescentes (10 a 19 anos), valor oito vezes maior que os observados entre brancos e negros (5,7% em cada) nessa mesma faixa etária.

(Secretaria de Vigilância em Saúde, Boletim do Perfil Epidemiológico, pág. 8, vol. 48, 2017)

No segundo gráfico é evidente o maior número de suicídio cometido pelos homens. Segundo Corrêa (2006), o maior número de mortalidade de suicídio envolve o sexo masculino devido as escolhas dos métodos são geralmente mais letais. Acredita-se também que por esse motivo muitos homens morrem na primeira tentativa. Desta forma, para o sexo feminino o número de tentativas será maior. Para ele também deve ser considerado os aspectos culturais, pois os homens tendem a expressar menos os seus sentimentos depressivos, mascarando um risco.

No terceiro gráfico, fica claro que os homens de setenta anos e brancos têm uma predominância comparado com as outras faixa etária de raça branca e baixa escolaridade. Dentre as raças é evidenciado o alto índice entre os indígenas. Já as mulheres os números se concentram entre cinquenta e cinquenta e nove anos com baixa escolaridade, mas com equivalência de números na alta escolaridade. O motivo que

esses idosos apresentam com maior índice é o estado civil (solteiro, divorciado ou viúvo).

2.3 O suicídio e suas diferentes perspectivas

2.3.1 Perspectiva social:

2.3.1.1 Émile Durkheim

Para Durkheim o suicídio é um fato social. Sendo assim, toda sociedade tem fatores que podem fomentar o desejo do indivíduo de tirar a própria vida. Segundo Bastos (2006), Durkheim coloca o fenômeno do suicídio em uma proporção inversa ao da integração social. Portanto, quanto mais o indivíduo está integrado a um grupo social menos é a chance de cometer o suicídio. Para tanto, da perspectiva de Émile Durkheim há três tipos de suicídio: o altruísta, o egoísta e o anômico.

Suicídio altruísta se dá com o excesso de integração do indivíduo na sociedade à custa de uma insuficiente individualidade. Neste particular, o ego não é propriedade do indivíduo, mas, encontra-se misturado com todo o grupo social. Sendo assim, os objetivos das suas condutas são exteriores a si próprio, bem como os desejos coletivos irão preponderar sobre todos os outros, ou seja, isto implica que eles ditarão o comportamento acima das questões individuais, morais e éticas. Portanto, ao qualificar o suicídio em sua vertente altruísta isto se traduz no fato de que, acima de tudo, o que fala, conduz, pensa e deve sentir em cada humano não é seu lado individual, crítico, mas sim, e somente suas questões grupais. Em outras palavras, isto ocorre principalmente quando, segundo Durkheim o sujeito está extremamente identificado aos valores do grupo, que o faz ficar praticamente “captado” ao desejo grupal. Ora, onde há forte tendência para se seguir só

o “nós”, além de se beirar o fanatismo, também existe uma baixa consciência crítica, que esse fanatismo quer cada vez mais eliminar. Enfim, se nos fosse possível ver do olhar da considerada realidade altruísta criticada por Durkheim, observaríamos um slogan nas mentes e coração dali, dizendo-nos: “Fora da linha reta do ‘partido único’ do grupo, não há salvação”.

Quando o suicídio acontece, nesta vertente, ilustra-se pelo fato de os valores grupais direcionarem ao máximo tal “escolha”: vê-se então pessoas que, por exemplo, se matam porque não conseguem estar à altura de uma hierarquia militar extremada e desumana, que tende a abafar a mínima manifestação de singularidade garantidas no estado de direito; indivíduos que vestem um colete de explosivos e se tornam “homens bombas”, identificados equivocadamente com valores anti-iluminista e assim por diante.

Parêntese: a palavra “altruísta”, aqui, não aponta para um comportamento, digamos, que deve ser valorizado e que sirva de inspiração ou mesmo algo que deva ter mérito. Ao contrário, neste caso, ela diz a respeito de algo que abafa a singularidade e a consequente capacidade de tomar ou não decisões baseadas no pensamento crítico, de forma que se crie um indivíduo sujeito que se constrói com autonomia, pois assume suas responsabilidades pelas suas escolhas. Um “sujeito” que aprende que, há instantes, que devemos compor como o “grupo”, porém, há outros, que não se deve fazê-lo. Evidentemente, ao agir assim, o indivíduo está se criando não só como protagonista, como também colabora para que os grupos que compõe, tenha maiores chances de se transformar em grupos sujeitos cujos membros sabem exercer sua função individual, sem ser individualistas; o grupo pode requerer apoio a seus valores, sem que anule a opção crítica de adesão ou não dos indivíduos pertencentes ao agrupamento.

O suicídio egoísta é consequência da baixa integração na sociedade, ou seja, o indivíduo depende menos da sociedade e mais de si próprio. O detalhe: a valorização do indivíduo, nesta modalidade, é levada ao extremo, ao ponto de que o destaque nas diferentes escolhas existências será sempre dado através de um “EU”, em total desconsideração a qualquer reivindicação do grupo. É neste sentido que o individualismo se afigura como um dos causadores da dispersão e da perda de referências interacionais que podem impulsionar as subjetividades ao enfraquecimento da solidariedade, a qual é fato valorizado nas sociedades tipicamente mecânicas e/ou da razão utilitarista. Em outras palavras, isto além de quebrar o laço ou o elo social, conforme o pensamento durkheimiano, vê-se que aqui há um lado extremamente individual que se movimenta para além do foco coletivo. Ora, se os laços sociais tendiam a se ruir na modalidade anterior, quando havia um excesso de grupo abafando a singularidade, neste momento ocorrerá essa “quebra”, mas por razões do excesso do Eu em detrimento do grupo. Evidentemente, nesta última modalidade, a solidariedade, o companheirismo, a consciência coletiva se arruinará porque existe a preponderância extremada do valor de interesses privados.

Consistem, aqui, as razões desse suicídio egoísta. Pois, considerando que essa quebra de laços sociais gera também o esgarçamento das valores éticas-morais. Obviamente, a existência desses valores cria limites para os excessos, notadamente os excessos individuais, pois quando tais barreiras são ultrapassadas, é comum, o indivíduo se deparar com um vazio, empobrecimento de sentido pois que é, de fato, a vida sem o vínculo do outro. Então, como em função de seus interesses particulares levados ao extremo, não há respeito por nenhum limite, chega o momento que esse indivíduo testa o limite da vida e busca a própria morte. Sim, em tese, ele busca

isto não só para obter um limite, como também uma tentativa de se libertar de uma vida sem sentido cujo motivo é uma vida sem vínculo sólido, a qual, até então, o próprio indivíduo criou.

O Suicídio anômico é aquele que ocorre diante de uma anomia, ou seja, a pessoa está diante de um contexto que ocorre a perda dos laços sociais pela ausência total de normas ou qualquer tipo de regulação. da relação do indivíduo. Apresentando de outro modo, existe uma carência exorbitante de respeito ao conjunto de leis, normas no grupo social e, entre outros malefícios, diante disto, alguns e não todos se matam.

Apesar da regulação e dos limites mínimos estarem sendo discutidos por Durkheim junto a questão de anomia como um fato de que quanto maior os agrupamentos sociais com tal características, maiores serão a possibilidade de ocorrências de suicídios, a existência do respeito às coibições sociais é de grande importância para todos, inclusive na nossa socialização. Freud (1974), por exemplo, defende que se é através da cultura que o homem se socializa, pois que é através dela que, em confronto com nossas pulsões, recebemos limites e nos transformamos em seres sociais, bem como aceitamos a realidade. Fora da aceitação desses limites, é a própria barbárie.

2.3.1.2 Karl Marx

Conforme MARX (2006), o suicídio é um fenômeno que ocorre de forma que parece natural, mas por de traz disto, há uma questão histórica, existe toda uma produção de condições sociais, fato que, do contrário não aconteceria. Para ele há diversas causas para o acometimento do suicídio, tendo ligações variadas como amor, saúde, dinheiro, família, falência, desemprego etc. Evidentemente, Marx é um dos autores a levantar a hipótese de que o

autocídio pode estar ligado as injustiças históricas do capitalismo.

Assim, ainda existindo a dificuldade em precisar o que leva realmente a tal fato destrutivo, pois o que para uma pessoa é felicidade, para outra pode ser motivo da angústia, Marx infere que o suicídio é um dos sintomas da luta social geral. Porque, em tese, o indivíduo tem no suicídio o último recurso para solucionar o problema de sua vida pessoal.

Tudo o que se disse contra o suicídio gira em torno do mesmo círculo de ideias. A eles são contrapostos os desígnios da Providência, mas a própria existência do suicídio é um notório protesto contra esses desígnios ininteligíveis. (MARX, op. cit, p.26)

2.3.2 A perspectiva individual e o suicídio

2.3.2.1 Junguiana

De acordo com BASTOS (2006), a concepção de junguiana visa considerar os fatores endógenos, ou seja, a parte de dentro, ou o lado da alma como fator influenciador do suicídio. Como se observa, trata-se de uma perspectiva que considera a singularidade como algo importante para desvelar a intensão do ato suicida, sobretudo, visando entender o significado do suicídio para cada indivíduo. Portanto, aqui, a história de vida do paciente é de extrema importância para o entendimento desse fato, pois cada um sente e age de modo diferente.

(...) em primeiro lugar, mesmo que se defenda que o suicídio precisa ser analisado por essa pluralidade de fatores, ainda assim não se está

necessariamente descartando o componente individual nesse fenômeno. Em segundo lugar, nunca é demais ressaltar que a questão do suicídio não deve ser analisada pela ótica do a priori, ele não deve ser visto por explicações que querem reduzi-lo apenas a perspectiva individual ou a qualquer outra. Para evitar esse e outros disparates, os quais, na realidade, promovem uma visão preconcebida e simplista, é recomendável que analisemos o suicídio e sua eventual ocorrência não só pelo prisma do modelo psicossocial citado, como também – e principalmente – a partir de cada contexto. Dessa forma, diante de um caso de suicídio, por exemplo, ao analisarmos seu particular contexto, talvez o lado institucional que, agora, prepondere o lado individual e assim por diante. (BASTOS, R. L. 2008, p.82)

2.3.2.2 Freud

Freud, como se sabe, foi o autor da psicanálise que é uma disciplina com grande legado para saúde mental, mas, na realidade, ele não formulou uma teoria específica sobre o suicídio. Entretanto, considerando que em sua obra, há uma ou outra discussão de alguns pacientes que tentaram o suicídio, há bases para se pensar que o “pai” da psicanálise toma uma posição a respeito. Esta aponta que, que, em tese, a autodestruição pode ser discutida através de uma motivação inconsciente.²

A partir disso, os estudiosos da psicanálise posteriores a Freud, denominados de pós-freudianos, defendem o pensamento de que há duas maneiras básicas de discutir o

² Para quem necessitar de uma leitura introdutória sobre a psicanálise; pretender entender o pensamento de Freud como um todo, bem quiser pensar a psicanálise atualmente no diálogo entre diferentes subjetividades com a cultura, sugerimos: Herrmann (1983); Birman (2021; 2014); Monzani (1989).

suicídio: o suicídio por narcisismo exacerbado e o suicídio autoagressivo (Fenichel, 1981).

Diante do “suicídio narcísico”, segundo Bastos (2006), inconscientemente se desvela que o desejo de acabar com a própria vida é tão forte quanto o sentimento que se tinha por alguém (o objeto amado) que se perdeu. Assim, na impossibilidade de recuperar esse objeto perdido, há uma identificação extremada com esse “objeto”, de forma que o indivíduo se mata, na tentativa de se ligar eternamente ao mesmo.

Quanto ao “suicídio autoagressivo” essa questão inconsciente também é relevante, só que agora se mostra de outra maneira. Para Bastos (op. cit.), em tese, tal suicídio ocorre quando o indivíduo sofre grande agressão de um meio hostil, porém, na impossibilidade de revidar, acaba voltando esses sentimentos de ódio e agressão desmedida contra si próprio, buscando o suicídio. Então, a partir de tal fato, os neofreudianos defendem que, sob tal modalidade de explicação, ninguém mata a si próprio, sem que queira matar o outro. Daí que essa agressão do meio hostil necessita ser discutida, pois que ela não em todos, mas em alguns pode tornar a melancolia muito intensa e perigosa. (Fenichel, op. cit.).

2.3.3 A perspectiva psicossocial:

Para a teoria psicossocial (Bleger, 1977; Cassorla, 1981; Santos-Stubbe, 1995; Stubbe, 1995; Bastos, 2006), a rigor, ainda que exista a singularidade no ato autodestrutivo, é muito difícil pensá-lo separando a vida dita individual da vida coletiva. Além disto, considerando que o suicídio não se reduz as meras questões de psicopatologia, ao estudá-lo do prisma desse psicossocial, observaremos que a questão do vínculo se destaca. Gerado no convívio familiar, os vínculos têm

fundamental importância na construção das individualidades, bem como da maneira básica de cada um de nós se relaciona com os demais grupos.

Destaque-se que os microgrupos funcionam como instância de socialização e são dispositivos intermediários entre a pessoa e os agrupamentos sociais de caráter mais geral, representados pelas diversas organizações. Tais microgrupos funcionam como uma espécie de lentes por meio das quais o indivíduo passa a ver o mundo na sua organização social, ou seja, nessa visão, quanto melhor é a lente (família e outros vínculos primários), maior será sua possibilidade de sucesso nas organizações sociais, e vice-versa. (BASTOS, R. L., 2008, p. 40)

Ainda de acordo com Bastos (op. cit.; 2006), o agrupamento familiar é considerado o nascedouro do indivíduo porque é através desse agrupamento que se observam os diferentes vínculos, os quais, em geral, são significativos nos relacionamentos humanos tanto no grupo familiar, quanto nos agrupamentos posteriores em que conviveremos: grupo educacional, grupo religioso, grupo de trabalho, grupo de conjugalidade etc. Dentre os principais, ressalta-se que, em tese, eles são gestados nas famílias simbióticas e nas famílias esquizoides.

Na família simbiótica se observa a preponderância de vínculos extremamente grudados, onde há extrema proximidade dos laços entre seus membros (vínculos simbióticos). Ou seja, em geral, a partir dessas particulares vinculações:

Não só os membros (desse) grupo familiar aprendem um padrão vincular simbiótico, como também apresentam uma série de problemas: (...) afora não conseguir se desenvolver criativamente, não conseguem fazer suas tarefas, exceto se as realizam sempre em grupo; tem

pouco autoestima; tendem para a constante anulação do lado individual e se apresentam com elevado grau de dependência entre si (Bastos, 2009, p. 84-85).

De outro lado, na família esquizoide se observam o desenvolvimento de vínculo que são opostos à de cima. Enfim, nesta modalidade, entre outros problemas, ressalta-se o individualismo exacerbado: “As famílias esquizoide são as que não só se apresentam por relações ultra individualistas, como também desenvolvem um pendor para que reine um espírito de `cada um por si e Deus (Mercado) contra todos” (Bastos, op.cit., p. 85).

Ora, considerando que estudos atuais, tais como o de Safatle (2020) indicam que o sistema neoliberal cujo questão principal é ganhar dinheiro a qualquer custo, segue destruindo empregos, transformando em pó os direitos sociais básicos (aposentadorias; rede pública de hospitais, acesso à justiça etc., isso é funesto para todos os grupos sociais. Assim, ressalte-se que esse fato funesto afeta, sobretudo, o agrupamento familiar, gerando sofrimento psíquico e até desvinculações, no caso produzindo vinculações simbióticas e/ou vinculações esquizoide.

Isso implica que, como vimos, a teoria psicossocial aponta que quando há a aniquilação crescente das vinculações entre as pessoas, aumenta-se as chances do aparecimento do suicídio e/ou das tentativas de suicídio:

Pesquisas indicam que, de um lado, podem ocorrer tentativas de suicídios quando alguns indivíduos vivenciam a situação simbiótica, diante da qual, às vezes, querendo se diferenciar, infelizmente alguns jovens tentam o suicídio e até se matam (Cassorla, 1981). De outro lado, há pesquisas indicando tal fato, só que pelo viés de vínculo esquizoide. (Aqui, noutro estudo), o qual foi realizado com empregadas domésticas

(Santos-Stubbe, 1995): elas tentam o suicídio e algumas chegam ao suicídio fatal (Bastos, p. 86).

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A primeira conclusão deste trabalho é que o sistema capitalista que se globalizou, se solidificou através de uma cultura afirmativa beneficia uma pequena parcela da população de um todo; tal sistema ao criar miséria crescente através do desemprego, trabalho precarizado e outros malefícios de toda sorte contra o humano, cria evidentemente sofrimento psíquico nos diferentes grupos e, em especial, no agrupamento familiar, gerando aumento crescente de desvinculações, fato que se dá basicamente através das famílias simbióticas e/ou famílias esquizoides.

A segunda conclusão é que, a partir disto, constata-se que não em todos os casos, porém em alguns, quando surge a dificuldade em manter vínculos razoavelmente sólidos, emergem também o aparecimento de comportamentos autodestrutivos, sejam através de tentativas de suicídios ou sejam através de suicídios fatais. Enfim, a promoção de vínculos que não sejam simbióticos e/ou esquizoides, geralmente gestados nos grupos familiares, é significativo no não aparecimentos de comportamentos autodestrutivos com riscos significativos de suicídios. O contrário, aqui, lamentavelmente, também é verdadeiro.

Uma terceira conclusão, nessa sequência, é que esse sistema de capitalismo globalizado tem significância no comportamento autodestrutivo, como vimos neste trabalho, mas de forma indireta: gerando pressões com a quebra de direitos, com precarizações de trabalho e exclusões de toda sorte, indiretamente tais pressões sobre as famílias, criam não só sofrimento psíquico e quebra de vinculações. Tais fatores podem levar aos distúrbios diversos, mas, particularmente aqui, ao comportamento autodestrutivo.

Uma quarta conclusão de nossa pesquisa reside no fato de que, uma vez concluído este nosso trabalho, sugerimos que se façam ainda trabalhos quantitativos junto de algumas famílias que sofrem pressões sociais e possam criar desvinculações familiares; pressões traduzidas pelo aumento de desemprego, precarizações etc., a fim de que se averigue estatisticamente se há ou não os mesmos resultados em termos de aparecimentos de autocídios.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

ALBUQUERQUE, Walter A.: **A relação do suicídio com o trabalho na sociedade capitalista**. 17/09/2018.

<http://www.repositorio.ufal.br>

ALTHUSSER, L. **Aparelhos ideológicos de Estado: nota sobre os aparelhos ideológicos de estado**. Rio de Janeiro: Graal, 1985.

ARIÈS, Philippe. **História da morte no ocidente**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

BARROCO, M L S. **Ética e Serviço Social: Fundamentos Ontológicos**. 8ª ed. São Paulo, Cortez, 2010.

BASTOS, Rogério Lustosa. **O pensamento de Marcuse versus capitalismo tardio**. Rio de Janeiro: Azougue, 2017.

BASTOS, R. L. **Marcuse e o homem unidimensional: pensamento único atravessando o Estado e as instituições**. R. katálise (revista do Programa de pós-graduação em SS da Universidade Federal de Santa Catarina), Florianópolis, v. 17, n. 1, p. 111 – 119, jan./jun. 2014

BASTOS, R. L. **Obra de arte e vida: psicologias sociais, diferentes subjetividades na estética da existência**. 2. ed. Rio de Janeiro: E-papers, 2008.

BASTOS, R. L. **Suicídios, psicologia e vínculos: uma leitura psicossocial**. Revista de Psicologia USP, São Paulo; janeiro/março, 2009. Acesso em 02/03/2018 às 10:59.

<https://repositorio.observatordocuidado.org/bitstream/handle/18/2/pusp.S0103-65642009000100005.pdf>

Bastos, Rogério Lustosa. **Suicídio: estudo psicossocial**. Rio de Janeiro: E-papers, 2006.

BERTOLETE, José Manoel. **O suicídio e sua prevenção**. Campinas/SP UNESP, 2012.

BIRMAN, Joel. **Ser justo com a psicanálise: ensaios de psicanálise e filosofia**. Rio de Janeiro: Civilização brasileira, 2021.

BIRMAN, Joel et al (orgs). **A fabricação do humano. Psicanálise, subjetividade e cultura**. São Paulo: Zagoni editora, 2014.

BLEGER, J. **Simbiose e ambiguidade**. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1977.

BOLETIM EPIDEMIOLÓGICO. **Perfil epidemiológico**. Volume 48, nº 30 - 2017. In: Perfil epidemiológico das tentativas e óbitos por suicídio no Brasil e a rede de atenção a saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde – Ministério da Saúde.

Portalarquivos2.saude.gov.br/images/pdf/2017/setembro/21/2017-025-Perfil-epidemiologico-das-tentativas-e-obitos-por-suicidio-no-Brasil-e-a-rede-de-atencao-a-saude.pdf

CASSORLA, R. **Jovens que tentam o suicídio**. Tese do doutorado. Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1981.30.

CASSORLA, R. M. S. **O que é suicídio**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

CORREA, Humberto & BARRETO, Sérgio Perez. **Suicídio: uma morte evitável**. São Paulo: Atheneu, 2006.

Crescem publicações sobre suicídio no Brasil durante a pandemia; veja como buscar ajuda. Jornal, Folha de São Paulo. Acesso em 18/07/2020 às 12:12
www1.folha.uol.com.br/equilibrioesaude/2020/07/crescem-publicacoes-sobre-suicidio-no-brasil-durante-a-pandemia-veja-como-buscar-ajuda.shtml

DARDOT, Pierri; LAVAL, Christian. **A nova razão do mundo: ensaio sobre a sociedade Neoliberal**. Tradução: Mariana Echalar. 1.ed. São Paulo: Boitempo, 2016. (Estado de Sítio). Acesso em 23/09/2020 às 12:33.
[www.afoiceemartelo.com.br>Autores>DARDOT,Pierri Pdf](http://www.afoiceemartelo.com.br/Autores>DARDOT,Pierri Pdf)

Depressão e suicídio a serviço do capitalismo. Central Única dos Trabalhadores. CUT 2021. Acesso em 22/07/2021 às 20:30. <https://www.cut.org.br/noticias/depressao-e-suicidio-a-servico-do-capitalismo-572f>

DURKHEIN, E. (1971). **O suicídio: estudo de Sociologia**; tradução Mônica Stahel. – São Paulo: Martis Fontes, 2000. (Coleção tópicos)

EHRENBERG, A. **O culto da performance: da aventura empreendedora à depressão nervosa**. Aparecida: Ideias & Letras, 2010.

FENICHEL, Otto. **Teoria psicanalítica das neuroses**. São Paulo: Livraria Atheneu, 1981.

FISHER, Mark. **Realismo capitalista: é mais fácil imaginar o fim do mundo do que o fim do capitalismo?** São Paulo: Autonomia literária, 2020.

FRANCO, Fábio et al. O sujeito e a ordem do mercado: gênese teórica do neoliberalismo. In: SAFATLE, V. et al (orgs.). **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico.** Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

FREUD, Sigmund. **Mal-estar na cultura.** Obras completas. Rio de Janeiro: Imago, 1974. Volume XXI

GORZ, André; **O Declínio da Relevância do Trabalho e a Ascensão de Valores Pós-econômicos.** In: O Socialismo do Futuro; Revista de Debate Político, n. 6; Instituto Pensar – Fundação Sistema, Salvador – BA, P. 25-31, 1993.

HERRMANN, Fábio. **O que é psicanálise.** São Paulo: Brasiliense, 1983.

<http://www.conselho.saude.gov.br/ultimas-noticias-cns/809-um-suicidio-ocorre-a-cada-40-segundos-no-mundo-diz-organizacao-mundial-da-saude> Acesso em 29/10/2020 às 20:02

IAMAMOTO, M. **O serviço social na contemporaneidade: trabalho e formação profissional.** São Paulo, Cortez, 1998.

KOVÁCS, Maria Júlia. **Morte e desenvolvimento humano.** São Paulo: Casa do Psicólogo, 1992.

LOUREIRO, I. Herbert Marcuse: crítico do capitalismo tardio: reificação e unidimensionalidade. In: ALMEIDA, J. & BADER, w. (orgs). **O pensamento alemão no século XX.** São Paulo: Cosac Naify, 2013.

Marcuse, Herbert. **A ideologia da sociedade industrial: o homem unidimensional**. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

_____. **Eros e civilização: uma interpretação filosófica do pensamento freudiano**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981

_____. **A dimensão estética**. Lisboa: Edições 70, 1986

_____. **Marxismo soviético**. Rio de Janeiro: Editora Saga, 1969.

_____. Sobre o caráter afirmativo da cultura. **Cultura e sociedade** (v.1). Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.

MARX, Karl (1818-1883). **Sobre o suicídio**; tradução de Rubens Enderle e Francisco Fontanella. São Paulo: Boitempo, 2006.

MONZANI, Luiz Roberto. **Freud: o movimento de um pensamento**. Campinas/São Paulo: UNICAMP, 1989.

Netto J. P.; BRAZ M. **Economia política: uma introdução crítica**. 6ª.ed. São Paulo: Cortez, 2010.

NUNES, Edson. **A Gramática Política do Brasil: Clientelismo insulamento burocrático**. 3ª Edição – Rio de Janeiro, Ed. Brasília DF, ENAP, 2003

O suicídio e os desafios para a psicologia. Conselho Federal de Psicologia. Brasília: CFP, 2013. acesso em 02/03/2018 às 11:31.

<https://sitecfp.org.br/wp-content/uploads/2013/12/suicidio-FINAL-revisao61.pdf>

SAFATLE, Vladimir et al (orgs.) **Neoliberalismo como gestão do sofrimento psíquico**. Belo Horizonte: Autêntica, 2020.

SANTOS, Marcelo F.; SIQUEIRA, Marcus Vinícius S.:
Considerações sobre trabalho e suicídio: um estudo de caso; Revista Brasileira de Saúde Ocupacional. Vol. 36, n°. 123, São Paulo. Janeiro /2011. Acesso em 21.07.2021 às 16:28

<https://www.scielo.br/j/rbso/a/fr763yxBypJP9s6Sj4gfQ9h/?lang=pt&format=pdf> .

SANTOS-STUBBE, C. **Suicídio como fator de alto risco entre as empregadas domésticas no Rio de Janeiro**. Jornal Brasileiro de Psiquiatria, 44 (10), 519-527, 1995.

SLEE, Tom; **Uberização: A Nova Onda do Trabalho Precarizado**. Tradução: João Peres; Editora: Elefante, 2017.

STUBBE, H. **Suicídio e tentativas de suicídio de criança**. Psicologia Clínica, 7, 103-124, 1995.

___ & BOJANOVSKY, J. **Der depressive Mensch**. Stuttgart: Enke, 1982.